

**PROGRAMA DE FILOSOFIA DO 10.º ANO:
UM ITENERÁRIO POSSÍVEL**

Teresa Ximenez



Ficha técnica

Programa de 10.º Ano: um itinerário possível

© Teresa Ximenez, 2004

Comunicação apresentada no VI Encontro de Didática da Filosofia, *Conceptualizar, Problematicar, Argumentar*

Edição Apf - Associação de Professores de Filosofia

Texto anterior ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor

Programa de 10.º Ano: um itinerário possível

Teresa Ximenez

(prof. do ensino secundário, orientadora de estágios e
prof. cooperante de IPP na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Pediram-me para apresentar um itinerário para o programa de Filosofia do 10.º Ano, mas começarei por evidenciar algumas questões prévias, que julgo serem fundamentais para situar o ensino da Filosofia no Secundário e saber o que se entende por uma primeira introdução à Filosofia.

Seguidamente, tentarei apresentar algumas propostas possíveis de itinerário(s) no programa de 10.º Ano.

Algumas questões introdutórias:

A disciplina de **Filosofia** reconquistou, com a nova reorganização curricular, o seu “nome”, deixou de ser **Introdução à Filosofia**, para ser novamente, **Filosofia**. Não parece ser este um facto muito significativo, no entanto revela uma determinada opção face ao que deverá ser uma disciplina da Formação Geral do currículo dos alunos do Ensino Secundário. Questionaremos, assim, que tipo de conteúdos deverão ser os conteúdos filosóficos a ensinar a todos os jovens ? Que significa ensinar Filosofia e como fazê-lo?

Nenhum programa de Filosofia é neutro, como nenhuma prática lectiva o deverá ser! A dificuldade em ensinar Filosofia está em adequar um programa nacional a um percurso filosófico

pessoal, onde nos apropriamos desse programa, entrando em diálogo com ele, criticando-o, questionando-o e, afinal, transformando-o. Mas, obviamente, nunca perdendo de vista o horizonte das grandes linhas programáticas.

Do outro lado do discurso do “mestre”, está o “aprendiz”, o jovem que hoje se senta nos bancos das nossas Escolas e que não está “ávido de conhecimento”. E como começar o processo da descoberta, da caminhada para a Filosofia, como iniciar este percurso de dois anos que a todos os alunos do Ensino Secundário se dirige? E como avaliar, durante o processo e no final, este jovem que todos os dias à nossa frente se senta?

Começaremos por olhar o texto programático: nele se salienta a importância da disciplina de Filosofia na formação geral de todos os cursos secundários, evidenciando o caso de Portugal, singular no contexto europeu, onde, desde a Reforma Pombalina até hoje, o ensino da Filosofia tem vindo a fazer parte dos currículos oficiais (v.p.4). Numa pequeníssima nota (v. nota 7, p.4) refere o texto programático que houve momentos de crise neste ensino e mesmo tentativas de abolição do mesmo, mas não refere que, ao que parece, estes momentos de crise não são “coisa do passado”, lembremos, bem mais recentemente, a polémica que se gerou em torno da discussão do Projecto de Programa de Filosofia, na assim designada.” Reforma Fraústo”.

Na sequência dessas crises, o lugar da disciplina de Filosofia no Ensino Secundário, surge, nalguns momentos, enfraquecido, noutras momentos, reforçado. Parece não haver consenso sobre o que ensinar e porquê, sobre o que seriam os conteúdos fundamentais a transmitir a todos esses alunos que “apenas” passam pela Filosofia.

A questão que parece preocupar os decisores, é o facto desta disciplina aparecer na Formação Geral e, como tal, não poder/dever ser muito aprofundada, uma vez que se dirige a todos os alunos. Assim, nalgumas das propostas programáticas anteriores, reduz-se o papel desta disciplina a um conjunto de conhecimentos de cultura geral, de atitudes e de competências argumentativas e problematizantes, esquecendo que também há conteúdos filosóficos e que estes, porventura, são transmissíveis.

Com a nova reestruturação curricular e a introdução das aulas de 90 minutos, outra questão começa também a preocupar os docentes de Filosofia: que actividades, estratégias, metodologias se adequam melhor ao ensino da Filosofia? Renasce a preocupação com uma didáctica específica e adequada à disciplina de Filosofia e pergunta-se como adequar metodologias tradicionais com novas estratégias pedagógicas?

Sem querer alongar-me muito sobre esta questão, não deixarei, contudo, de referir que muitos dos “males que atormentam o ensino da Filosofia” decorrem do que tem sido a sua (“caótica”) prática e do que têm sido as diferentes reformas programáticas que insistem em conduzir o ensino da Filosofia para o exterior da própria Filosofia. Esta questão é bem visível nas “introduções” exageradamente prolongadas, preconizadas por alguns programas, que têm servido de iniciação à Filosofia e que, afinal, a nada iniciam, apenas prolongam a dificuldade em compreender quais são os conteúdos específicos da Filosofia e o que é transmissível nesta área do saber.

O texto do programa:

O texto programático evidencia a importância da disciplina de Filosofia para o cumprimento do objectivo de “aprender a viver juntos”.

As recomendações da UNESCO aos diferentes Estados membros vão no sentido de se alargar a formação filosófica a toda a educação secundária (o que em Portugal tem sido uma tradição), o reforço e o vínculo da relação Filosofia/Democracia e da relação Filosofia/Cidadania.

Também se enfatiza a importância da autonomia do pensar e a necessidade de construção de uma palavra comum e integradora (v.p.5). As grandes finalidades do ensino da Filosofia orientam-se, assim, para a construção da cidadania, do viver em comum

O actual programa afirma-se como “uma reformulação sem ruptura” e “uma reformulação com inovação” em relação ao anterior programa de Introdução à Filosofia, aprovado em 1991, pelo Despacho nº.24/ME/91 de 31 de Julho.

O primeiro propósito é visivelmente conseguido, o segundo, infelizmente, não!!!

Inovação num programa de Filosofia seria, sem dúvida, centrar o ensino da Filosofia nas questões filosóficas, partir delas para posteriores (e possíveis) confrontos e analogias

Alguns dos “vícios” do anterior programa prolongam-se nesta reestruturação.

Vejamos:

Há uma nova direcção, louvável, apresentada pelo actual texto programático que rompe com programas anteriores – a iniciação à Filosofia faz-se no seio da Filosofia, trabalhando competências de cariz filosófico. Mas, o texto programático, ao deixar completamente em aberto, neste momento introdutório, a possibilidade de se seguir qualquer percurso, peca por apenas se centrar no desenvolvimento de competências, esquecendo que há conteúdos de natureza filosófica adequados a essa tarefa. Abre ainda o caminho a percursos não-filosóficos, demasiadamente perigosos num momento de iniciação ao trabalho filosófico. E as várias propostas de manuais que conhecemos, apenas reforçam esta falta de consenso em relação ao que deverá ser uma introdução à Filosofia e ao filosofar.

Na II.ª Unidade mantém-se a incoerência na articulação de conteúdos, já presente em programas anteriores, fazendo decorrer da acção humana, as dimensões ética, estética e religiosa da acção que, assim, perdem grande parte da sua riqueza e pertinência filosófica, enquanto áreas da Filosofia, a saber, a Ética, a Filosofia da Arte e a Filosofia da Religião.

O texto programático tem a vantagem de possibilitar, sem dúvida, vários percursos, mas pergunto-me: serão só percursos filosóficos ou, será que muitos outros, exteriores à Filosofia, também encontram neste programa a sua justificação???

Em relação às muitas metodologias propostas, algumas observações: em vez de evidenciar a importância dos problemas filosóficos, o texto programático constantemente se refere a actividades mais relacionadas com a história da Filosofia ou apenas com um “perigoso uso do texto literário” (v.p.p.18 e 19). Corre-se o risco do aluno, depois de trabalhar tantas

competências de oralidade, de escrita e de interpretação de textos, não conseguir ser introduzido ao trabalho filosófico. Porque não começar, então, pela Lógica, deslocando-a do 11.º ano para o 10.º ano? E porque não começar pelos textos filosóficos, pelos problemas e pelos argumentos neles presentes? Porque prolongar desnecessariamente a entrada na Filosofia, correndo-se o risco de não ser possível estabelecer a relação entre Filosofia e não-filosofia?

Outra questão a salientar prende-se com as várias propostas programáticas apresentadas pelos manuais. Na prática dos docentes de Filosofia, o manual ocupa grande parte das vezes o lugar do próprio programa. Assim, já não temos um programa nacional, mas os programas do “705 Azul”, do “Luís Rodrigues” da “Antónia Abrunhosa”, do “Desidério”, enfim, os programas proliferam e os docentes tentam encontrar-se no percurso proposto pelo manual que, comodamente, pode adequar-se ao seu próprio.

Deixo estas questões/reflexões em aberto para o momento do debate.

Passemos, então, ao itinerário propriamente dito (v. Anexo 1 – uma visão de conjunto do programa de 10.º Ano).

ANEXO 1

ALGUNS ITINERÁRIOS POSSÍVEIS:

A minha tentativa será apresentar um ou alguns percursos possíveis no interior do programa, tentando respeitá-lo na sua generalidade. O meu percurso situa-se numa concepção de Filosofia como Ética, que julgo ser adequada à vocação pedagógica desta disciplina e ao seu lugar na Formação Geral do Ensino Secundário, tentando encontrar uma linha orientadora na articulação de conteúdos dos 10.º e 11.º anos (apesar de só me referir aqui ao 10.º ano).

Iª. UNIDADE

1. Abordagem introdutória à Filosofia e ao filosofar: (16/18 tempos incluindo a avaliação)

Uma vez que esta Iª: Unidade visa introduzir à Filosofia e propõe, essencialmente, trabalhar competências de interpretação, de leitura e de escrita, começarei com um texto clássico e filosófico, a “Alegoria da Caverna” de Platão, passível de ser trabalhado em vários momentos, mantendo, porém, a coerência e a unidade do percurso.

Por se tratar de um primeiro momento, a abordagem será gradualmente feita e permitirá ao aluno contactar, logo de início, com um Filósofo que marcou a história da Filosofia, ao mesmo tempo que se poderá familiarizar com um vocabulário específico e próprio da Filosofia. Num primeiro nível de abordagem, pretende-se explorar o texto como pretexto para apresentar uma resposta à questão inicial “o que é a Filosofia?”, mas desde logo salientando a perspectiva pedagógica e ética nele presente.

Este texto será utilizado em diversos outros momentos.

1.1.- O que é a Filosofia ? – uma resposta inicial (8 tempos)

1. O que é a Filosofia? – a resposta de Platão no texto da “Alegoria”
2. O papel do filósofo – atitude filosófica, atitude pedagógica, atitude ética
3. Símbolo e realidade (o significado das imagens da “Alegoria”-a linguagem do quotidiano, a linguagem do texto, a linguagem filosófica)
4. O que é a Filosofia? Filosofia ou Filosofias? (Texto de Descartes retirado dos **Princípios da Filosofia**, Prefácio – “viver sem filosofar é na verdade ter os olhos fechados sem nunca se esforçar por os abrir...”)
5. O que é a Filosofia? De que trata a Filosofia (Texto de Hintikka (“Comment je vois la philosophie”):“A Filosofia é um empreendimento tão precário como esquiar sobre o gelo...”)

Metodologias:

- Leitura inicial da “Alegoria da Caverna”;
- Leitura anotada do texto de Platão (recurso a dicionários de Filosofia, a histórias da Filosofia, ao manual, a suportes informáticos);
- Identificação das teses e dos argumentos fundamentais do texto;
- Elaboração de esquemas comparativos dos momentos da “Alegoria” e das etapas do conhecimento;
- Leitura do texto de Descartes e confronto com o texto inicial de Platão;
- Leitura crítica do texto de Hintikka e confronto com os dois anteriores;
- Elaboração de sínteses das principais teses e argumentos dos autores dos textos lidos.

Trocaria a ordem destes dois pontos, assim:

1.3. A dimensão discursiva do trabalho filosófico (4 tempos)

De novo o texto da “Alegoria”, um excerto do **Criton** (para evidenciar o tipo de discurso argumentativo de Sócrates e a sua preocupação ética de assumir o destino do filósofo) e um texto de Lewis Carroll (por exemplo: o diálogo de Alice e de Humpty Dumpty):

- A linguagem e o discurso;
- Os elementos fundamentais do pensar e do falar;
- O que é um texto argumentativo.

1.2. - Quais são as questões da Filosofia? – alguns exemplos (4 tempos)

Neste momento retomaria o texto inicial da “Alegoria da Caverna” para evidenciar o problema do conhecimento e avançaria para textos diversos de épocas diferentes (por exemplo: de Aristóteles, de Kant, de Stuart Mill – para ilustrar questões filosóficas de natureza ética, Nelson Goodman e uma questão de Filosofia da Arte (‘quando é arte? em vez de ‘o que é arte?’), Hintikka e I. Berlin ainda sobre o que são as questões filosóficas, F. Savater (o que são questões filosóficas em **As perguntas da vida**)

(*)- Possibilidade de **iniciar à leitura** de uma obra integral (por exemplo: o **Criton** ou a **Apologia de Sócrates** de Platão ou **O que quer dizer tudo isto** de T. Nagel ou uma outra obra escolhida pelo professor, tendo em conta o grau de dificuldade de leitura e de compreensão dos alunos)

IIª. UNIDADE:

A IIª.Unidade coloca-nos um problema de natureza filosófica: é necessário optar por uma das duas orientações diferentes que o texto programático articula (desadequadamente): ou optamos pela linha axiológica ou optamos pela linha hermenêutica de Ricoeur, do discurso da acção e da acção eticamente qualificada.

Já em programas anteriores detectamos esta dificuldade: à problemática da acção não se segue a das dimensões da acção!

A Ética, a Filosofia da Arte e a Filosofia da Religião não seriam consideradas como meras dimensões da acção humana, mas sim como campos de questionação filosófica.

1. A acção humana: análise e compreensão do agir (14 tempos)

1.1. A rede conceptual da acção (8/10 tempos)

- A descrição da acção
- A explicação da acção por motivos ou por causas
- As estruturas teleológica e deontológica da acção humana (Aristóteles e Kant)
- Textos de Donald Davidson, de Ayer, de A. MacIntyre, de P.Ricoeur, de Anscombe, de David Hume, de Kant e de Aristóteles

1.2. Determinismo e liberdade na acção humana (4/6 tempos)

Neste momento seria feita uma abordagem sumária da questão da liberdade no sentido de situar a questão:- Liberdade versus. Determinismo analisando algumas teses fundamentais das diferentes tomadas de posição face ao determinismo e à liberdade da vontade.

- Textos de T.Nagel (leitura de um capítulo de **O que quer dizer tudo isto?**), David Hume, Kant, Sartre, Davidson

2. Os valores – análise e compreensão da experiência valorativa (10 tempos)

2.1. Valores e valoração (4 tempos)

- Distinção entre **facto** e **valor**;
- Critérios valorativos: hierarquização dos valores, objectividade e subjectividade dos valores.

2.2. Valores e cultura (6 tempos)

- - Crise de valores;
- - Os valores no mundo contemporâneo;
- - A diversidade de culturas e de critérios valorativos;

Metodologias:

- Análise crítica de textos de G.Lipovetsky, Nietzsche, Finkielkraut, Vattimo, Lyotard, Scheller;
- Excertos de filmes sobre diversidade cultural; elaboração de guiões de análise destes filmes;
- Actividades, a título de exemplo, de clarificação de valores, de discussão de dilemas, etc.

3. Dimensões da acção humana e dos valores:

3.1. A dimensão ético-política- análise e compreensão da experiência convivencial (26 tempos)

3.1.1. e 3.1.2. Intenção ética e norma moral: (4/6 tempos)

- A distinção ética e moral;
- A dimensão pessoal e social da ética – responsabilidade moral e responsabilidade social;
- Textos de Ricoeur, Platão, Aristóteles, Philippa Foot e A. MacIntyre.

3.1.3. A necessidade de fundamentação da moral – análise comparativa de duas perspectivas filosóficas: (12 tempos)

- Kant e Philippa Foot (a ética formal de Kant ou a moralidade como um sistema de imperativos hipotéticos?)

Ou

- Aristóteles e MacIntyre, (a ética das virtudes)

Ou

- Kant e Stuart Mill (o imperativo categórico/o primado do bem)

Ou

- Kant e Scheller, (a ética das obrigações ou a ética material dos valores)

Ou

- Platão e Aristóteles (*)

(*) neste caso retomar-se-ia o texto inicial da “Alegoria”

3.1.4. Ética, direito e política (8/10 tempos):

- Ética e política (o primado da ética e o vínculo do político ao ético);
- Bem individual e bem comum – bem e justiça; justiça e equidade.

Centraria esta questão em problemas levantados por textos de Rawls (**A Teoria da Justiça**), de Platão (**Carta VII, República**), de Hobbes, de Rousseau.

3.1.5. Problemas de Ética Aplicada (temas e problemas do mundo contemporâneo)

Opção por um dos temas:

- Os direitos dos animais (que lugar para o imperativo categórico ?)
- Violência e guerra (há guerras justas ?)
- Aborto/eutanásia (o conflito de direitos)

Estes temas seriam abordados tendo em conta teorias éticas ou ético-políticas estudadas anteriormente.

(opção por 3.2.)

3.2. A dimensão estética – análise e compreensão da experiência estética (16/18 tempos)

Começaria por distinguir Estética e Filosofia da Arte, salientando o campo problemático de cada uma destas áreas.

3.2.1. Filosofia da Arte (algumas definições e problemas) e Estética (estéticas tradicionais/estética contemporânea)

3.2.2. A experiência e o juízo estéticos – a arte como experiência (Kant, Hegel, Dewey)

3.2.3. A criação artística e a obra de arte

3.2.4. A arte e a anti-arte (aspectos sociais da arte, a arte contemporânea)

Metodologias:

- Visitas de estudo a museus;
- Filmes (por exemplo: **O pianista**, **Pollock**, etc.);
- Apreciação de transparências, filmes, etc. com obras de arte;
- Debates.

Temas e problemas do mundo contemporâneo:

Centraria este momento na análise de casos de Ética aplicada em que fosse possível aplicar os conhecimentos adquiridos anteriormente.

Fugiria absolutamente das análises pretensamente sociais ou sociológicas, centrando-me na problematização filosófica dos temas e leccionaria estas 8 aulas de 90 minutos (16 tempos) imediatamente a seguir à unidade de Ética.